

Os nossos ruídos interiores e a ultrapassagem das barreiras: uma análise do conto “Os que cavam” de Amós Oz

Our inner noises and the surpassing of barriers: an analysis of the short story “Digging”, by Amos Oz

LENIZA KAUTZ MENDA

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Literatura Brasileira e Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Porto Alegre.

RESUMO o conto “Os que cavam”, pertencente ao livro *Cenas da vida na aldeia*, do escritor israelense contemporâneo Amós Oz, constitui um paradigma para o conflito árabe-israelense. No espaço geográfico da casa de Pessach Kedem e sua filha Rachel, localizada na aldeia centenária de Tel Ilan, ocorre o confronto com o elemento estranho – o jovem serviçal árabe que habitava num barracão num canto afastado do quintal. Os supostos ruídos “ouvidos” pelos personagens corroboram a fragilidade dos relacionamentos interpessoais, criando-se um clima de tensão, medo e desconfiança. Nesse contexto, as barreiras existentes entre eles se tornam muito acentuadas, e a possibilidade de pacificação e aproximação se torna bastante tênue e até mesmo impossível.

PALAVRAS-CHAVE Literatura israelense; Amós Oz; conflito árabe-israelense; barreiras espaciais; ruídos interiores; possibilidades de paz.

ABSTRACT The short story “Digging”, which belongs to the book of the Israeli contemporary writer Amos Oz entitled *Scenes from village life*, can be considered as a paradigm of the Arab-Israeli conflict. At the geographical space of Pessach Kedem’s house, father and daughter are face-to-face with a young Arab student who is a stranger – he is a workman who does household tasks for both of them. The supposed noises “heard” by the three characters state the fragile links of their interpersonal relationship. In this context, the barriers are stressed and the possibility of peace and the straightening of their relationship are actually hard to be achieved.

KEYWORDS Israeli literature; Amos Oz; Arab-Israeli conflict; space barriers; inner noises; possibilities of peace.

PARA O SER HUMANO EM GERAL, A LOCALIZAÇÃO NO ESPAÇO É VITAL. NADA PODE ser realizado de modo concreto se não houver uma definição espacial que lhe permita localizar a si próprio e aos demais.

A ação do conto “Os que cavam”, do livro *Cenas da vida na aldeia*, ocorre na extremidade de Tel Ilan, vilarejo que fica nas montanhas de Menassé. Os adjetivos ‘antiga’ e ‘sonolenta’, usados por Amós Oz para caracterizar essa aldeia, denotam o seu caráter centenário, lugar onde progresso havia estancado. A paisagem de pequenas propriedades agrícolas cederia lugar a tabernas onde se vendiam vinhos e outros produtos caseiros; também havia ali inúmeras galerias de arte para as quais afluíam compradores e visitantes aos finais de semana. A casa de Pessach Kedem e sua filha Rachel, personagens centrais do conto, situava-se na extremidade da aldeia, casa “cujo grande quintal confinava com a muralha de ciprestes do cemitério local” (OZ, 2009, p. 47). A configuração geográfica reflete o estado de espírito e o *modus vivendi* do pai e de sua filha, uma vez que ambos levam uma vida silenciosa e reclusa. Nessa aldeia, bem como

na casa em que vivem, imperam o silêncio e a solidão. Ambos os personagens mantêm contatos fugazes com os demais habitantes da aldeia e não chegam a formar vínculos afetivos com eles.

Segundo Gaston Bachelard, “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo” (BACHELARD, 1993, p. 24). O espaço da casa não constitui simplesmente uma moldura para os personagens – enreda-se neles, parecendo, por vezes, a sua razão de existirem enquanto personagens do conto. Para Pessach Kedem, não há vida exterior fora da casa; o imobilismo do personagem é quebrado somente pelo seu ziguezaguear nos cômodos da habitação. Há uma repetição mecânica de gestos diários, o que, segundo Osman Lins, constitui uma “ambientação reflexa que incide sobre o personagem, mas não implica ação propriamente dita” (LINS, 1996, p. 83).

Como diz Oz, Pessach Kedem

(...) transpunha seu próprio quarto e depois, em sua perambulação, era de novo arrastado à cozinha (...) remexia um pouco os armários de mantimentos e de talheres à procura de um quadradinho de chocolate, suspirava, fechava as portas do armário (...) parava um pouco e olhava pela janela da cozinha (...) (OZ, 2009, p. 50).

Para Pessach Kedem, a sua casa representa o senso de proteção e estabilidade. A varanda onde ele e sua filha costumam sentar-se ao anoitecer constitui um bálsamo para o velho octogenário, pois é nesse espaço sagrado que ele abre sua alma para a filha, que escreve suas memórias numa espécie de diário. Nesses momentos de intimidade, o idoso expressa seus rancores e sua ira contra os ex-colegas do partido trabalhista, os quais, segundo o seu ponto de vista, foram injustos para com

ele. Esse homem corcunda, irascível e vingativo é um personagem problemático, visto que seu comportamento denota a cisão entre o seu eu e o mundo que o circunda. Pessach Kedem, representante da velha geração formadora do Estado israelense, mostra-se avesso a toda e qualquer inovação, a ponto de desprezar a juventude, a eletrônica e até mesmo a nova literatura israelense. A confinamento no espaço geográfico de sua casa e a ausência de convívio com o mundo exterior acentuam a sua desconfiança e a crítica em relação ao próximo:

Nestes novos tempos, todos, sem exceção – assim o velho repetia vezes sem fim a sua filha –, todos vivem armando golpes. Hoje todo mundo só procura um meio de arrebatar algumas migalhas da mesa do próximo. Ninguém, assim lhe ensinava sua longa vida plena de decepções, ninguém bate à sua porta a não ser que venha em busca de algum proveito, ou para obter alguma vantagem, ou pedir algum benefício. Tudo hoje se faz calculada e intencionalmente, e na maioria das vezes é com intenção desprezível (OZ, 2009, p. 52).

A vida de Pessach Kedem na casa visa a instaurar a dialética entre o passado e o presente, confrontando-os na medida em que apresenta a mudança de comportamento do personagem em relação aos valores que, em sua opinião, são autênticos. Seus valores se referem ao passado e evidenciam o confronto com o obscurantismo da vida na casa e o presente solitário e problemático. A preservação da individualidade dos personagens leva ao abandono do espaço social e ao refúgio no espaço privado no qual se podem preservar melhor os valores autênticos. A ação propriamente dita, conseqüentemente, passa a um plano secundário, uma vez que se verifica sua subordinação à atividade mental e emocional do personagem.

As opiniões de Pessach Kedem estão imbuídas de preconceitos e generalizações. A hostilidade em relação ao próximo irá se acentuar no momento em que um terceiro personagem, segundo seu julgamento, vem quebrar a relativa estabilidade de seu lar e abalar a sua vida tão angustiada e desolada. Trata-se de Adel, um jovem estudante árabe que morava no quintal de sua casa, num barracão que o ex-marido de Rachel usara como depósito de ferramentas. Adel, um perfeito serviçal, realizava tarefas domésticas subalternas como limpar os espinheiros do quintal, lavar e passar. Pode-se dizer que ele ali morava de favor, pois não exercia uma atividade remunerada e nem sequer possuía um contrato de trabalho. A vida de Adel está confinada ao seu espaço no barracão, embora às vezes consiga ultrapassá-lo quando recebe permissão para sentar-se à varanda com os moradores da casa. É vítima do preconceito do velho Pessach no momento em que ele dialoga com sua filha Rachel: “... diga-me, por favor, para que precisamos aqui desse seu *gói árabe*?” (OZ, 2009, p. 53).

Considerando-se a presença do elemento árabe na literatura israelense contemporânea, percebe-se que Amós Oz não dá a Adel uma voz substancial, uma vez que o jovem é encarado como um mero serviçal, um ser diferente, o qual, além de ser inferiorizado pela etnia, também o é pelo desprezo quanto à religião – um *gói*.

O estudante árabe passa a ser uma ameaça à estabilidade espacial e emocional de Pessach Kedem no momento em que o idoso começa a ‘ouvir’ sons de operários que cavam embaixo dos alicerces de sua casa. Durante o dia, os sons são imperceptíveis, mas, à noite, tornam-se ameaçadores:

Estão cavando! Estão cavando! Uma ou duas horas da madrugada começam aqui todo tipo de bicada e cavação, como de picaretas, e às vezes

também certos gorgolejos e triturações... O que eles estão procurando em nosso porão ou debaixo dos pilares da casa? Petróleo? Ouro? Quem sabe manuscritos antigos? (OZ, 2009, p. 46).

Os pretensos ruídos ouvidos pelo velho são atribuídos a Adel. Sua desconfiança e as suspeitas em relação ao árabe são reiteradas sob a alegação de que o jovem estaria tentando descobrir, no fundo do porão, um determinado manuscrito que confirmasse a presença de algum de seus ancestrais na terra sagrada, o que lhe asseguraria o direito de retorno e a posse da terra, induzindo à iminente destruição de sua casa. Segundo Bachelard, “O porão da casa é, a princípio, o *ser obscuro* da casa, o ser que participa das potências subterrâneas” (BACHELARD, 1993, p. 37). Pessach toma a decisão de descer ao porão, munido de uma lanterna e de uma barra de ferro, com o intuito de descobrir a verdade sobre os suposto ruídos; consequentemente, ele decide enfrentar seus medos interiores, embora a busca da culpabilidade do árabe se torne infrutífera. A dúvida perpassa suas atitudes apesar de Rachel tentar dissuadi-lo da existência dos ruídos das escavações sob a alegação de que seu pai estaria meio surdo e ouviria, portanto, ruídos dentro de sua cabeça.

Carl Gustav Jung utiliza a imagem do porão para analisar os temores que habitam a casa. Segundo este pensador, “No porão a racionalização se processa de uma forma menos clara, menos rápida e nunca definitiva” (BACHELARD, 1993, p. 37). Daí a insistência do personagem Pessach em continuar afirmando a audição dos barulhos das escavações: “... desce para procurar no porão algum sinal das cavações noturnas que lá têm lugar, amaldiçoa os operários – cavadores que conseguiram apagar todo sinal de suas incursões noturnas... ou talvez a escavação seja mais pro-

funda, debaixo do piso do porão, entre os alicerces da casa, embaixo daquela terra pesada” (OZ, 2009, p. 59).

A dúvida e a incerteza do leitor começam a se acentuar no momento em que Adel também notifica a Rachel a audição de ruídos noturnos. Seus medos interiores, a fragilidade e a vulnerabilidade da convivência com os israelenses vêm à tona à noite, da mesma forma como acontece com o velho. Em relação ao motivo dos ruídos, cria-se, na narrativa, um jogo de contrastes, na medida em que o narrador procura ressaltar dois elementos sintetizadores de oposições: o ouvido que *ouve* e o ouvido que *não ouve*. Cada elemento deflagra a presença de seu contrário, denunciando a diversidade do real no desvendamento da verdade. Verifica-se, portanto, uma isenção de unilateralidade na captação do real. Rachel aparece como o ser racional e ponderado que procura uma explicação para o jovem árabe, alegando que suas audições não passavam de sonho ou consequência de sua imaginação fértil. Na verdade, Rachel estabelece o contraponto entre o pai e o árabe e tenta restabelecer o equilíbrio, afastando as mútuas ameaças de destruição.

A consonância entre os pontos de vista de Adel e do velho rabugento em relação aos ruídos poderia, num primeiro momento, ser um indício de uma possível solução para os preconceitos que Pessach nutria em relação ao árabe; a falta de diálogo e a não aproximação entre ambos constituem fortes sinais de polos extremos e ameaças constantes. Essa luta com os medos interiores e a impossibilidade de revelá-los expressam, no conto, os indícios do conflito árabe-israelense. A casa de Pessach, microcosmo da realidade e símbolo de proteção e segurança, pode desmoronar a qualquer momento.

A literatura de Amós Oz não pode ser desvin-

culada do aspecto sociopolítico visto que ele é um escritor que possui ideias bem definidas no que se refere ao conflito árabe-israelense. As várias conversas travadas entre Pessach Kedem e o jovem Adel expressam o ponto de vista pacifista de Amós Oz referente às diferenças de pensamento e mentalidade para a resolução do conflito. O jovem árabe tem o objetivo de produzir um ensaio (ou algo do gênero) sobre as diversidades de pensamentos dos dois povos quanto à construção de suas pátrias. Ele expressa dúvidas e incertezas no que concerne à diferença entre os dois povos:

“Talvez escreva sobre as diferenças entre uma aldeia judaica e uma aldeia árabe, a aldeia de vocês nasceu de um sonho e de um projeto e nossa aldeia não nasceu, e sim sempre esteve lá, mas algo nelas assim mesmo se parece. Também temos sonhos” (OZ, 2009, p. 61).

Na verdade, o *alter ego* de Amós Oz se manifesta ou projeta no reconhecimento, por parte do jovem, da existência de intenções comuns entre ambos os povos, embora haja muitas divergências entre eles. A aceitação das diferenças corrobora o pensamento do escritor Oz, para quem deve haver uma solução de compromisso como o único meio de sobreviver a um conflito trágico. O comprometimento na aceitação das diferenças é a chave para o diálogo em busca de conciliação.

Na correspondência entre Amós Oz e Kenzaburo Oe, escritor japonês vencedor do Prêmio Nobel de 1994, Oz estabelece uma premissa entre a esperança e o poder da imaginação, reiterando que a conciliação entre povos com ideologias antagônicas só pode ocorrer quando uma pessoa se imagina no lugar da outra. Nesse sentido, é primordial a citação do pensamento de Pessach Kedem na conversa com sua filha Rachel:

Àquele que fora membro do Knesset, Pessach Kedem, esse estudante não agradava: Vê-se nele, dizia o velho, logo se vê que ele nos odeia, mas esconde o ódio com adulação. Todos eles nos odeiam. E como poderiam não odiar? Eu, no lugar deles, também nos odiaria. Na verdade, não só no lugar deles. Mesmo sem estar no lugar deles eu nos odeio. Acredite-me, Rachel, que nós, se se olha para nós um pouco de fora, vê-se que só merecemos ódio e desprezo. E talvez também um pouco de pena, mas a pena não pode nos vir do lado dos árabes, eles mesmos precisam de toda a pena do mundo (OZ, 2009, p. 63).

Assim, o poder da imaginação constitui uma transgressão, mas é de fundamental importância para a compreensão do próximo. Colocar-se no lugar do *outro*, do *diferente* implica ver o outro com nossos próprios olhos, explorar nossos defeitos e até mesmo desenvolver um sentimento de auto-ódio. Nenhuma atitude fanática possui a imparcialidade tão necessária para a compreensão do outro.

Outra palavra-chave para a tentativa de aproximação entre os dois personagens – Pessach Kedem e Adel – é *tolerância*. Se houver um esforço de aproximação, a percepção do outro pode ocorrer de forma diferenciada. A aparência e a essência são polos contraditórios; a síntese, porém, ocorre através do conhecimento mútuo e do diálogo interpessoal. Essa constatação é corroborada no texto por meio do diálogo que se estabelece entre os dois opostos: “Você também – de longe, pensam que você é um homem triste.” “E de perto?” “De perto você me parece mais um homem zangado” (OZ, 2009, p. 79).

A personagem Rachel, aos poucos também se deixa contaminar pela suposição da audição dos ruídos noturnos. Diante de tal constatação, cria-se uma dúvida na cabeça do leitor. Ela poderia repre-

sentar a mediadora do conflito entre seu pai e o estudante árabe; suas suspeitas em relação à existência dos ruídos, no entanto, constituem um empecilho para a concretização dos ideais pacifistas.

De onde poderá surgir a solução para tais desavenças? O velho octogenário, avesso a mudanças, descrente de tudo e de todos, legítimo representante da velha geração, certamente não é um elemento confiável para tal propósito. Sua filha Rachel, estagnada naquele modo de vida, sem coragem e força suficientes para mudanças, também não o é. O árabe, com suas suspeitas e temores, apesar de empreender uma tentativa de compreensão das semelhanças e diferenças entre os dois povos, provavelmente não representa uma via de fato para a pacificação e nem uma mola propulsora para a modificação da realidade.

Sob o ponto de vista literário, os dados da realidade são ultrapassados pela instauração do universo simbólico; desta forma, a paisagem microcôsmica da casa, com suas interdições espaciais e seus personagens em conflito, transforma-se, pelo processo de transposição de níveis, no símbolo do conflito árabe-israelense. Configuram-se a ultrapassagem do descritivo e a instauração de valores universais no questionamento e na busca da verdade, o que constitui o pressuposto da verdadeira literatura.

As barreiras intransponíveis, tanto espaciais como de convivência, poderão, de alguma forma, ser ultrapassadas com a sensibilidade e abrandamento do ódio implacável contido no coração do ser humano. A gaita tocada pelo jovem árabe, deixando fluir uma melodia triste, porém encantadora, talvez seja um meio de subverter a realidade ameaçadora. A solução poderia estar num abrandamento dos corações. O pensamento de Pessach Kedem corrobora a visão de Amós Oz diante do conflito árabe-israelense. Segundo esse escritor,

enquanto não houver um abrandamento e uma abertura de nossos corações em relação ao próximo, será quase impossível transpormos as barreiras que nos afastam de nossos semelhantes. Faz-se mister que releguemos a um plano secundário os ruídos estranhos e ameaçadores e ouçamos com cuidado e atenção as nossas *vozes interiores*:

Uma vez há tempos, antes de tudo, talvez em outro lugar, ainda se gostava um pouco. Não todos. Não muito. Não sempre. Só um pouquinho aqui, um pouquinho ali, gostavam um pouco. Mas agora? Em nossos tempos? Agora todos os corações já morreram. Acabou. (...) Por que morreram todos os corações? Talvez você saiba. Não (OZ, 2009, p. 73).

O pensamento de Amós Oz fica evidente na própria correspondência que o escritor mantém com Kenzaburo Oe, na qual ele afirma que o maior perigo não está nas armas e nas bombas, nem nos governos e nos militares, mas no coração humano (KENZABURO; OZ, 1999).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gastón. *A Poética do Espaço*. São Paulo.

Martins Fontes, 1993.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São

Paulo: Ática, 1996.

OZ, Amós. *Cenas da Vida na Aldeia*. São Paulo.

Companhia das Letras, 2009.

KENZABURO, Oe; OZ, Amós. De Amós Oz para Kenzaburo

Oe “Descobri a cura do fanatismo” in *Folha de São Paulo*,

“Caderno Mais”, domingo 10 de janeiro de 1999.